

UMA RELEITURA DE MALÉVOLA: CINCO DÉCADAS QUE SEPARAM UMA VILÃ E UMA HEROÍNA

JULIANA AVILA PEREIRA¹;
DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jul.av49@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

No atual trabalho teceremos algumas considerações acerca das transformações ocorridas na construção da personagem Malévola no cinema em mais de cinco décadas de existência desta vilã. Esta emblemática personagem foi primeiramente apresentada na clássica animação dos estúdios Disney Pictures, *A Bela Adormecida* (1959), em que fora baseada na versão do conto de fadas do escritor francês do século XVII Charles Perrault. Porém, o mesmo estúdio investiu mais recentemente, no ano de 2014, em uma produção cinematográfica contextualizada no mesmo universo para explorar uma história não contada. Através de uma nova proposta, a Disney produziu um live-action para recontar uma velha história sob a perspectiva de uma então vilã, a rainha do mal, Malévola.

O cinema é fruto da sociedade em que está inserido e produz uma visão sobre o seu mundo (VALIM, 2012), sendo produtos culturais consumidos pelas grandes massas. O cinema destacou-se como uma grande mídia, existindo como um agente social que revolucionou a arte, desde o modo de produção até a forma de disseminação de seu conteúdo (KORNIS, 1992, p. 237).

A Walt Disney Company é conhecida principalmente por suas produções de animações destinadas ao público infantil em mais de oitenta anos. Dentre as múltiplas histórias animadas pelos estúdios, uma categoria destaca-se: as princesas. Este subgênero animado é preconizado pela Disney, sendo inclusive uma de suas maiores e mais lucrativas marcas (não à toa o Castelo é apresentado como seu principal símbolo). Para tornar tão popular este subgênero fora amplamente utilizada uma receita de elementos que combinados caracterizam esta categoria, os quais destacamos as figuras da princesa, do príncipe herói, o plano de fundo envolto por magia e fantasia e uma vilã (salvo alguns vilões) que movida por uma maldade inerente e inveja pretende prejudicar a inocente princesa e, em decorrência do relacionamento subsequente desta com o par romântico, o príncipe. Tal combinação foi alimentada pela Disney no século passado em várias de suas produções, resultando em animações como *Cinderela* (1950), *A Bela Adormecida* (1959) *A Pequena Sereia* (1989), *A Bela e a Fera* (1991), entre outros.

No entanto, para os dias atuais tais narrativas baseadas em amores frívolos e princesas dependentes de seus príncipes não são mais tão atraentes, compreendendo a emancipação feminina e alteração das relações sociais entre homens e mulheres no cotidiano. Logo, a Disney acompanhando esta demanda, empreendeu alterações em suas produções, desde suas temáticas até as construções de seus personagens, sendo uma tentativa por parte do estúdio de atualizar suas histórias e figuras, dotando-lhes de valores mais sociais e economicamente condizentes na contemporaneidade. Dentre essas releituras no formato live-action temos *Malévola* (2014), *A Bela e a Fera* (2017), *Aladim* (2019), *Cruella* (2021), dentre outros.

Neste sentido, através da ótica de gênero é possível analisarmos de que modo ocorrem as representações do feminino (em especial o feminino-vilão) em ambas as produções anteriormente citadas. Segundo Judith Butler, o conceito de

gênero corresponde a um “fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (2021, p. 32-33). Ademais, as categorias de masculino e feminino se referem a dimensões culturais da vida e que assumem diferentes formas no curso histórico da sociedade, variando em seus significados e configurações (BUTLER, 2021).

Portanto, o presente estudo pretende analisar a figura de Malévola, tendo como base os contextos de produção das obras. Deste modo, atenuar reflexões sobre as mudanças que culminaram na releitura de personagens femininas se mostra um debate muito rico na atualidade.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa, utilizando como fonte da pesquisa as produções cinematográficas *A Bela Adormecida* (1959) e *Malévola* (2014), disponíveis no serviço de streaming Disney+. Enquanto concepção teórica nos voltamos para os Estudos de Gênero, focando nas discussões propostas por Judith Butler (2021), a qual compreende tal conceito como um constructo social histórico, cultural e variável, sendo um ato performativo, pois a identidade de gênero é construída no e pelo discurso, estando o indivíduo em constante processo. No que confere a metodologia empregada nos servimos da proposta apresentada por Rafael H. Quinsani (2010) em que o autor destaca a decomposição da obra através dos elementos intra (espaço, tempo, música, cenários, narrativa, etc.) e extrafílmicos (audiência da mídia e recepção pública, debates em diferentes áreas sociais, subsídios econômicos e distribuição).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Elizabeth Bell, no capítulo *Somate texts at the Disney Shop* (1995), podemos classificar as figuras femininas da Disney em três categorias: Dançarinas (Dancing Girls), Avós/Madrinhas (Grandmothers) e as Mulheres Mortais (*Femmes Fatales*). As dançarinas remetem as princesas, heroínas cujos traços preponderantes são beleza, gentileza e passividade. Já, as Avós/Madrinhas trazem em sua construção características de cuidado, proteção e sacrifício feminino. Por sua vez, as Mulheres Fatais seriam um arquétipo de feminino com grande poder, autoridade, com traços animais e seus olhos miram diretamente o público.

Nesta perspectiva, em *A Bela Adormecida* (1959) podemos observar Malévola como uma figura imponente e poderosa, que desperta o medo nos demais personagens, bem como a sua notável subversão aos padrões de beleza, possuindo traços masculinizados¹ em sua construção (embora utilize maquiagem, um elemento apontado como “feminino”, esta maquiagem é pesada, em contraste com a delicadeza encontrada na figura da princesa). Assim, sendo uma Mulher Mortal, ela é associada ao mal através da incorporação de traços animais em sua personagem (chifres, corpo de morcego, coloração esverdeada da pele). Ademais, enquanto uma personagem que assume traços de determinação, franqueza e independência, ela tem atitudes transgressoras ao desafiar o rei Stefan em frente a

¹ Apontamos como traços masculinizados características físicas geralmente encontradas em personagens masculinos, como olhos grandes, queixos pontudos e rostos afinados, bem como sobrancelhas arqueadas (GUTIÉRREZ, 2017, p. 118). Ademais, características como assertividade, determinação, força, independência, líder e inspirar medo também fazem parte do universo “masculino” nas primeiras animações dos estúdios Disney (ENGLAND et al, 2011, p. 561).

todos os seus súditos, tendo em vista que a mesma está inclusa nesta categoria já que reside em seu reino e ainda assim enfrenta sua autoridade. Deste modo, Malévola tem atitudes “castradoras” para com os demais personagens homens ao demonstrar sua superioridade e poder: “notavelmente, embora o riso às custas de outra pessoa seja impróprio para heroínas, é uma ferramenta de castração simbólica para vilãs que o usam para colocar os homens em uma posição inferior” (DUNDES; BUITELAAR; STREIFF, 2019, p. 5). Assim, Malévola, no final, é derrotada pelo Príncipe Phillip que resgata Aurora, desempenhando o papel de herói da narrativa que salva a jovem donzela indefesa e restaura, enquanto príncipe, a hierarquia de um reino em um final disneyficado clássico de “felizes para sempre”.

Isso posto, com o impacto do movimento feminista (a emancipação das mulheres na sociedade) e a inserção da mulher no mercado de trabalho, o panorama histórico de representação do feminino nas produções Disney foi sendo alterado, tendo em vista a relação mútua entre sociedade e a indústria cinematográfica. Em vista disto, na versão recontada, *Malévola* (2014), podemos notar um deslocamento de ponto de vista desta “velha história”. Nesta versão, a protagonista é Malévola, uma fada do bem e protetora do reino dos Moors, uma terra mágica de inspiração escocesa e celta (FITZPATRICK, 2019, p. 101). Na primeira parte do filme somos apresentados ao passado de Malévola e Stefan, como se desenrolou a relação de amizade entre as personagens. Passam-se os anos e logo descobrimos que Stefan, motivado pela ganância pelo poder, trai Malévola de forma violenta para chegar ao trono, assim, esta personagem ferida age com raiva e lança a maldição como forma de resposta ao trauma causado por Stefan (CAPPICCIE; WYATT, 2021, p. 84). No entanto, o filme se desenrola e amadurece a relação maternal entre Malévola e Aurora, construindo uma relação de amor verdadeiro entre as duas que é a chave para quebrar a maldição pronunciada. Mesmo que nesta estória exista a figura do Príncipe Phillip, o mesmo não desempenha o papel de herói da trama, ele é apenas um personagem secundário e Malévola triunfa como verdadeira heroína que através do amor que sente pela jovem Aurora rompe a maldição.

A luz do exposto, é notável como ambas narrativas diferem em suas propostas, mesmo que estejam ambientadas no mesmo universo. Em *A Bela Adormecida* (1959) observamos como os papéis de gênero são reforçados nos personagens, garantindo um final feliz para aqueles que se submetem e um trágico final para Malévola que subverte as normas hierárquicas estabelecidas naquele contexto ao confrontar o rei que é superior a ela. Porém, através da influência externa e dos discursos feministas que impactam a sociedade contemporânea, tal panorama transformou-se e em *Malévola* (2014) temos uma personagem forte, independente e empoderada, que, atualmente, tornam ambas figuras inspiradoras para as mulheres e meninas.

4. CONCLUSÕES

Podemos, assim, afirmar que os filmes se relacionam com o seu momento histórico e assim produzem visões sobre este mesmo mundo em que estão situados. Neste sentido, são cinco décadas que separam as duas versões de Malévola, uma vilã e uma heroína, o que se relaciona diretamente com os momentos sócio-históricos em que cada filme foi produzido. Na animação, a figura de Malévola representa o mal feminino tradicional (vilã invejosa e vingativa que atenta contra outra figura feminina) apresentada como uma Mulher Mortal poderosa e independente, o que a depreciava na narrativa. No filme há uma grande transformação, esta versão

de Malévola narra a sua estória pregressa, em que características como independência, força e coragem são apreciados, tendo em mente o empoderamento feminino deste século. Assim, cada Malévola interliga-se com os valores de sua sociedade, a tornando vilã ou heroína consoante a narrativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BELA ADORMECIDA. Direção Clyde Geronimi. Produção Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1959. 78 min.

BELL, E. Somatexts at the Disney Shop Constructing the Pentimentos of Women's Animated Bodies. In: BELL, E.; HAAS, L.; SELLS, L. **From Mouse The Politics of Film, Gender, and Culture to Mermaid.** Bloomington: Indiana University Press, 1995.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Tradução Renato Aguiar. – 21ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAPPICIE, A.; WYATT, R. The Rape Culture and Violence Legitimization Model: Application to Disney's Maleficent. **Journal of Teaching in Social Work.** V. 41, N. 1, pp.77-93, 2021.

DUNDES, L.; BUITELAAR, M.S.; STREIFF, Z.. Bad Witches: Gender and the Downfall of Elizabeth Holmes of Theranos and Disney's Maleficent. **Social Sciences.** V. 8, n. 175, Pp. 1-17, 2019.

ENGLAND, D.E.; DESCARTES, L.; COLLIER-MEEK, M.A. Gender Role Portrayal and the Disney Princesses. **Sex Roles**, v. 64, pp. 555–567, (2011).

FITZPATRICK, K. Hollywood Genders the Neomedieval: Sleeping Beauty, Beowulf, Maleficent. In: Fitzpatrick, K. **Neomedievalism, Popular Culture, and the Academy: From Tolkien to Game of Thrones.** Suffolk: Boydell & Brewer, 2019. P. 73-102.

GUTIÉRREZ, B. P. **Breaking the Glass Slipper: Analyzing Female Figures' Roles in Disney Animated Cinema from 1950-2013.** 2017. 164f. Honors Theses (Honors in the Gender, Sexuality, and Women's Studies Program) - Union College.

KORNIS, M. A.. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 237-250.

MALÉVOLA. Direção Robert Stromberg. Produção Joe Roth. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2014. 99 min.

QUINSANI, R. H.. **A revolução em película: uma reflexão sobre a relação cinema-história e a guerra civil espanhola.** 2010. 239 f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

VALIM, A. B.. História e Cinema. in: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). **Novos domínios da história.** - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.